



B6-73 A experiência da Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) – Brasil.

Mário Artemio Urchei¹, mario.urchei@embrapa.br
Francisco Miguel Corrales¹, francisco.m.corrales@embrapa.br
João Carlos Canuto¹, joao.canuto@embrapa.br
Joel Leandro de Queiroga¹, joel.queiroga@embrapa.br
Kátia Sampaio Malagoli Braga¹, katia.braga@embrapa.br
Ricardo Costa Rodrigues de Camargo¹, ricardo.camargo@embrapa.br
Myrian Suely Teixeira Alves dos Santos Ramos¹, myrian.ramos@embrapa.br
Luiz Octavio Ramos Filho¹, luiz.ramos@embrapa.br

¹ Embrapa Meio Ambiente

Resumo

A Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) – Brasil foi criada em 2005 a partir de uma articulação entre Agricultores(as) Familiares da região e de um conjunto de organizações governamentais e não governamentais de ensino, pesquisa e extensão com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento local sustentável fundamentado nos princípios da Agroecologia. Para isso, as estratégias desenvolvidas pela Rede ao longo desses dez anos foram pautadas por processos participativos voltados à construção do conhecimento e da transição agroecológica de unidades familiares de produção numa perspectiva territorial. Dentre as diferentes atividades de interação e de construção do conhecimento agroecológico, destaca-se o trabalho desenvolvido em Unidades de Referência (UR) implantadas, conduzidas e monitoradas em áreas dos próprios Agricultores Familiares. O presente trabalho aborda os aspectos positivos (fortalezas e potencialidades) e negativos (debilidades e resistências) desse processo, além de apontar alguns caminhos para o fortalecimento e consolidação da referida Rede.

Palavras-chave: agricultura familiar, pesquisa participativa, desenvolvimento local.

Descrição da experiência

O Leste Paulista-SP (Brasil) constitui-se numa importante região industrial e agrícola brasileira, com características peculiares relacionadas aos meios físico, social e econômico. Este território é formado por 89 municípios, com expressiva presença de estabelecimentos rurais localizados em relevo ondulado, muitos deles com restrições ao uso de mecanização agrícola e elevados riscos de erosão do solo, o que demanda a utilização de práticas mais integradas de produção agropecuária.

Situado em bioma de transição entre Mata Atlântica e Cerrado, a partir do século XIX a ocupação dessa região foi realizada principalmente por proprietários de fazendas de cultivo de café. Com a crise da economia mundial em 1929 e os seus reflexos no setor cafeeiro, muitos desses estabelecimentos rurais foram fragmentados e adquiridos por ex-colonos das fazendas de café, especialmente imigrantes europeus (principalmente italianos) e seus descendentes, que se estabeleceram em pequenos lotes de terra. Mais recentemente, a partir de 1983, foram implantados na região oito assentamentos rurais de programas públicos de reforma agrária, confirmando a característica local de expressiva presença da Agricultura Familiar.

Pelo fato de ter sido o berço da “modernização conservadora” da agricultura do Estado de São Paulo-Brasil, nesta região estão sediadas algumas das principais instituições públicas (estaduais e federais) de ensino, extensão e pesquisa agropecuária. Inicialmente com a



abordagem baseada principalmente no modelo convencional de agricultura - uso intensivo de insumos químicos, mecanização e sementes melhoradas geneticamente - a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco 92) essas organizações passaram a realizar ações com enfoque na chamada “Agricultura Sustentável”. Organizações representativas da Agricultura Familiar comprometidas com o Desenvolvimento Rural Sustentável também foram criadas no Leste Paulista-SP (Brasil), estabelecidas na forma de associações e cooperativas. Tanto as entidades públicas quanto as representações da Agricultura Familiar vêm realizando ações individuais e em articulação interinstitucional no sentido de fortalecer a Agroecologia deste território.

É nesse contexto que surge, a partir de 2005, a Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) - Brasil, decorrente dessa articulação interinstitucional de organizações governamentais e não governamentais vinculadas à temática da Agroecologia. Para isso, criou-se o Conselho Gestor da Rede Leste com as seguintes organizações/instituições: a) Organizações de Agricultores: Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC), Cooperativa Entre Serras e Águas, Associação dos Agricultores do Assentamento Milton Santos (ACOTERRA) e Associação Cultural Quilombo Brotas; b) Extensão Rural: Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP); c) Ensino: Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri-Unicamp); Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq-USP); e d) Pesquisa Agropecuária: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Meio Ambiente e Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA).

O fortalecimento e a estruturação dessa Rede somente pôde ser viabilizado a partir de uma continuidade de projetos elaborados e implementados ao longo desse período de uma década.

Portanto, as ações regionais desenvolvidas até o presente contemplaram os seguintes objetivos e estratégias: (a) Formação de um Colegiado Gestor do Leste Paulista-SP (Brasil), representativo dos Agricultores Familiares e das instituições locais comprometidas com a transição agroecológica; (b) Diagnóstico socioeconômico do território; (c) Elaboração de critérios para escolha de agricultores(as) e respectivos estabelecimentos rurais de referência; (d) Seleção de agricultores(as) de referência; (e) Diagnóstico Rural Rápido Participativo (DRRP) e elaboração do plano de transição agroecológica em cada Unidade de Referência (UR); e (f) Atividades integradas de pesquisa, geração e intercâmbio de conhecimentos e tecnologias agroecológicas.

Durante esse processo, inicialmente ocorreram ações com Agricultores Familiares e estabelecimentos rurais voltados predominantemente ao intercâmbio para a construção do conhecimento agroecológico. Tais iniciativas ocorreram com a troca de experiências no próprio território Leste Paulista mas também na interação de experiências com Agricultores Familiares situados em outras regiões do Estado de São Paulo, especialmente no Pontal do Paranapanema-SP (Brasil) e na região de Franca-SP (Brasil). A partir de 2011, passaram a ocorrer também iniciativas no campo da geração de conhecimentos na perspectiva da pesquisa-ação no formato de Redes de Unidades de Referência (URs) em Agroecologia.

Após a seleção das Unidades de Referência, o trabalho de intervenção e monitoramento para a transição agroecológica ocorreu principalmente nas seguintes áreas/municípios da Região Leste do Estado de São Paulo: Assentamento Rural Araras IV – Araras, Assentamento Rural Milton Santos – Americana, Quilombo Brotas – Itatiba, Sítio Barrel – Socorro, Sítio Natureser – Caconde e no Sítio Agroecológico situado na Fazenda



Experimental da Embrapa Meio Ambiente – Jaguariúna. Nestes locais, foram definidos coletivamente planos de transição agroecológica e de monitoramento das práticas implementadas em cada UR, de modo a atender simultaneamente aos interesses dos agricultores de referência e às demandas mais amplas verificadas no território.

Resultados e Análises

A Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) - Brasil, ao longo desses dez anos, foi criada junto aos Agricultores Familiares da região com a perspectiva de viabilizar a produção agrícola com biodiversidade, equilíbrio ambiental, rentabilidade, autonomia e desenvolvimento sustentável, fundamentada nos preceitos da Agroecologia.

Uma das principais estratégias dessa Rede tem sido desenvolver processos e mecanismos de diálogo e interação entre os agricultores(as) e outras instituições/atores envolvidos, por intermédio de processos e metodologias participativas, voltados à construção do conhecimento e da transição agroecológica.

Entre as diferentes ações da Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) – Brasil, as Unidades de Referência têm se constituído em um espaço importante e estratégico para troca de experiências entre agricultores e técnicos, de experimentação, de intervenção e de redirecionamento de práticas e processos. Como tal, as ações têm sido desenvolvidas em glebas-piloto, trabalhadas em uma pequena parte da área, possibilitando erros e acertos. Posteriormente, após a experimentação e o conhecimento pleno do processo, algumas tecnologias poderão ser ampliadas para outras glebas ou até mesmo em toda a unidade familiar de produção, bem como para outras propriedades familiares do entorno.

A partir de uma perspectiva territorial e com uma abordagem agroecológica, tem se procurado desenvolver e adaptar tecnologias, buscando inserir, respeitar e reconhecer o conhecimento local como elemento fundamental. Parte-se do princípio de que o desenvolvimento tecnológico deve ser oriundo de um processo participativo no qual agricultores(as), pesquisadores, técnicos e outros atores envolvidos devem trabalhar em conjunto, aprendendo e construindo, de forma solidária, os conhecimentos e tecnologias gerados. Esta abordagem visa criar um ambiente de confiança e cooperação, possibilitando com que os agricultores evoluam da condição de meros consumidores de tecnologias, sem acesso à sua formulação, para tornarem-se autores, sujeitos, verdadeiros agricultores-pesquisadores.

Os principais impactos esperados inicialmente com o desenvolvimento das ações dessa Rede foram: a) Avanço da construção do conhecimento, práticas, processos, metodologias e tecnologias voltadas à conversão agroecológica dos Agricultores Familiares do território; b) Melhoria e aumento da sustentabilidade dos sistemas familiares de produção da região; c) Redução da dependência econômica e melhoria da qualidade de vida e da Soberania Alimentar dos Agricultores Familiares e dos consumidores do território Leste Paulista; d) Melhoria da qualidade dos recursos naturais do território como água, solo e biodiversidade da flora e da fauna; e) Aumento da sinergia, da autonomia e do fortalecimento da economia do território; f) Aumento da capacidade de articulação e organização dos Agricultores Familiares do Leste Paulista; e g) Subsídios e contribuições para a formulação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento e à consolidação da conversão agroecológica em sistemas familiares de produção do território.

Após dez anos de existência da Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) – Brasil, podemos levantar os principais pontos positivos (fortalezas e potencialidades) e negativos



(debilidades e resistências) dessa Rede (tabela 1), bem como apontar algumas reflexões para as suas perspectivas futuras.

TABELA 1. Principais pontos positivos (fortalezas e potencialidades) e negativos (debilidades e resistências) da Rede Leste Paulista de Agroecologia (SP) – Brasil.

Pontos positivos	Pontos negativos
Fortalezas	Debilidades
Identidade de valores: cooperação e diálogo	Dificuldade de comunicação
Ideias e objetivos comuns: agroecologia	Pouca participação dos agricultores(as)
Diversidade de atores e instituições	Cultura individualista
Equipe técnica atuante	Falta de agilidade nas ações coletivas
Comprometimento individual e coletivo	Agendas institucionais dispersas
Diversidade de experiências inovadoras	Número insuficiente de unidades implantadas
Potencialidades	Resistências
Inovação e criatividade	Pensamento linear e cartesiano predominante
Interesse dos agricultores(as)	Falta de confiança no potencial coletivo
Capacidade de ampliação da articulação	Dificuldade em superar o paradigma convencional
Elaboração de novos projetos e ações futuras	Agendas das instituições não priorizam a Agroecologia: modelo convencional hegemônico

Fonte: Oficina de Redes, 2013.

Conforme inferimos das questões identificadas na tabela 1, o modelo convencional dominante ainda existente no Leste Paulista (SP) - Brasil, pautado no uso intensivo de agrotóxicos, em monocultura e em produção de *commodities*, é um dos principais entraves para a ampliação e consolidação de sistemas agroecológicas, biodiversos e integrados. Além disso, ainda hoje a formação predominante dos técnicos vinculados às instituições de pesquisa, ensino e extensão, governamentais e não governamentais é, prioritariamente, fundamentada no paradigma da *revolução verde*, bem como as agendas dessas respectivas instituições.

Assim, para que a Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) – Brasil possa se desenvolver de maneira mais efetiva na perspectiva da transição agroecológica e do desenvolvimento local, entendemos ser fundamental:

Ampliar e fortalecer a estruturação de equipes transdisciplinares em Agroecologia e em pesquisa participativa, envolvendo todas as suas dimensões, ou seja, ecológica, social, econômica, cultural, agrônômica, política e ética.

Esse processo deve ser contínuo, integrado e com o envolvimento horizontal, transdisciplinar e interinstitucional para possibilitar o diálogo de saberes e a construção coletiva do conhecimento, de maneira participativa, em direção à transição agroecológica e de um outro modelo de desenvolvimento territorial.

Estimular o aumento e a consolidação do número de experiências concretas em Agroecologia junto aos Agricultores Familiares do Leste Paulista (SP) - Brasil. Nesse sentido, a estratégia de trabalhar em Unidades de Referência talvez deva ser revista, uma vez que a mesma não tem surtido o efeito desejado no sentido de servir de inspiração para os agricultores do entorno dessas URs.

Apesar de entendermos que as experiências concretas em Agroecologia são importantes para o avanço desse processo e para a consolidação da Rede de Agroecologia do Leste Paulista (SP) - Brasil, as mesmas, isoladamente, não são suficientes para reverter a ideologia dominante do paradigma convencional de agricultura. Assim, a criação e o fortalecimento de diferentes **Redes** formadas pelos agricultores, por técnicos e por outros atores sociais comprometidos com esse processo, bem como a implantação de políticas públicas mais efetivas, revestem-se de importância fundamental.



FIGURA 1. Atividades de articulação e intercâmbio de experiências da Rede.